

/artigos

# Uma leitura da pulsão de morte: entre a metapsicologia e a segunda tópica freudiana<sup>1</sup>

Giovanni Vieira de Carvalho Novelli

*Universidade Federal do Paraná*

<https://orcid.org/0000-0001-5477-7518>

[g.novelli1996@protonmail.com](mailto:g.novelli1996@protonmail.com)

**Resumo:** Esse artigo visa apresentar como foi forjado o conceito de pulsão de morte pelo pai da Psicanálise, Sigmund Freud. Nesse sentido, estaremos envolvidos com as respectivas modificações do conceito inicial de pulsão principalmente no decorrer no período da Primeira Guerra Mundial até o final da década em questão. Esse momento é chave na teoria da pulsão almejada por Freud nos anos de 1914 até a dualismo pulsional - de pulsões de vida e pulsões de morte - em 1920 com a publicação de *Além do Princípio do Prazer*, e é esse período que pretendemos desenvolver no presente artigo que antecede o início da Segunda Tópica.

**Palavras-chave:** Sigmund Freud; Pulsão de morte; Metapsicologia; Epistemologia da Psicanálise; Psicanálise.

**Abstract:** This article would like to present how was wrought the concept of Death Drive by the father of Psychoanalysis Sigmund Freud. In this sense, we will be involved with those changes in the concept of Drive during the time of World War One until the end of decade in questioning. This key moment in Freudian theory was craved by Freud during the years between 1914 until the

---

<sup>1</sup> Trabalho fruto do Trabalho de Conclusão de Curso em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (2021).

final form of Drive dualism – the Life Drive and Death Drive - in 1920 when was published *Beyond Pleasure Principle*, and it will be this time previously to the Second Topic that we would like to demonstrate here.

**Keywords:** Sigmund Freud; Death Drive; Metapsychology; Psychoanalysis Epistemology; Psychoanalysis.

---

## Introdução

Em uma carta de Max Horkheimer a Leo Lowenthal de 31 de outubro de 1942, o primeiro afirmou, a respeito do legado de Sigmund Freud, que “quanto maior é uma obra, mais ela se enraíza em uma situação histórica concreta” (HORKHEIMER *apud* JAY, 2020, p.150-151). Nada mais evidente ao se referir a Freud e os segredos ocultos que se tornaram manifestos com seu próprio esforço intelectual. Nesse sentido, o que possuía até então era um segredo guardado a sete chaves, foi apresentado ao mundo como um dos três grandes golpes que o amor-próprio da humanidade sofreu ao perceber que o Eu não é senhor de sua própria casa.

Sendo assim, não se trata simplesmente de afirmar que o ser humano não possui controle total sobre suas próprias ações, mas de demonstrar seu erro de cálculo ao crer piamente que possui autonomia para toda e qualquer deliberação. Desse modo, o inconsciente funciona não apenas como uma instância psíquica que não é controlada pelo Eu, mas também que age a seu bel-prazer e não é determinada pelo plano da consciência. No entanto, esse não é o único detalhe dentro dessa oposição entre o Eu e o Inconsciente, pois Freud também postula, como conceito fundamental de sua metapsicologia, o

que ele chama de pulsão, a qual possui um caráter de indeterminação exatamente pelo fato de ela ser a representante dessa outra instância.<sup>2</sup>

Outrossim, percebe-se que esse conceito possui uma gramática completamente limítrofe derivada de sua “anterioridade lógica ou mesmo topográfica quanto ao sistema inconsciente” (IANNINI, 2013, p.99), servindo como condição de possibilidade para toda e qualquer abstração do inconsciente e das suas manifestações pulsionais dentro da prática clínica. Nesse aspecto, o trecho citado acima nos demonstra um elemento até então não nomeado pelo autor dentro de sua teoria, o qual se refere especificamente a “qualidade de excitação contínua da pulsão” provinda de sua relação com os processos orgânicos (MEZAN, 2013<sup>a</sup>, p.161). Sendo assim, percebemos que a pulsão é o motor do processo psíquico e que seu papel dentro da Psicanálise é de caráter não apenas econômico, mas também permeado por problemáticas que se referem ao corpo biológico, deixando aparente o papel fronteiro que pode se derivar de tal conceito e sua própria energética libidinal.

Desse modo, é importante destacar que o próprio Freud considerava a teoria das pulsões como sua mitologia, bem como derivou dela uma característica peculiar: as pulsões apresentam uma extraordinária plasticidade exatamente pelo fato delas se relacionarem entre si de maneira fluída e de possuírem a habilidade de deslocar-se de diferentes polos com facilidade. Como resultado, a metapsicologia freudiana tinha como objetivo não apenas apresentar um escopo teórico para além da psicologia convencional, mas também o reconhecimento do inconsciente como espaço psíquico fundante da própria consciência e do Eu. A partir disso, o mesmo deixou claro que a psicanálise advém de uma perspectiva de fora do campo aberto do saber, isto é, a perspectiva de um sujeito descentrado.

---

<sup>2</sup> Sobre a discussão do vocábulo alemão *Trieb* e seus respectivos problemas de tradução, remonto ao artigo de Pedro Heliodoro Tavares (2013).

Nesse aspecto, se tal conceito já demonstrava uma problemática obscura, o enigma em questão se tornou ainda mais indigesto a partir do início da segunda tópica freudiana em seu texto *Além do Princípio do Prazer* de 1920, pois nele Freud conceitualizou a pulsão de morte, uma força psíquica que tenta desestabilizar o indivíduo e direcioná-lo para a sua auto dissolução. Sendo assim, as nuances desse terreno obscuro continuam a assombrar a psique de forma ainda mais amedrontadora na luta entre pulsões de vida e esse impulso mortífero.

### **A Metapsicologia Freudiana**

Nos anos de 1915, em plena Primeira Guerra Mundial, Sigmund Freud tinha consciência das críticas existentes a Psicanálise a respeito da sua cientificidade e como ela era constituída por parâmetros que, de acordo com seus críticos, não eram condizentes com a metodologia científica presente na época. Nesse sentido, o conjunto de textos que faziam parte da chamada “Metapsicologia” detinham um objetivo muito específico: remeter o leitor ao conjunto de postulados teóricos da Psicanálise e a maneira com que eles dão corpo a sua leitura do aparelho psíquico, podendo compreender então que esse compilado de textos dá corpo a identidade epistemológica freudiana. Dessa forma, essa série de artigos que a metapsicologia contém constitui a *superestrutura teórica* que possui como horizonte a ciência (ASSOUN, 2000, p.13). Sendo assim, o autor austríaco pertencente à tradição do “iluminismo sombrio”<sup>3</sup> já atentava para o fato de que a atividade científica se pautava em uma exaustiva investigação empírica que possa apresentar devidamente os dois eixos que constituem quaisquer teorias, os quais são a “adaptação dos pensamentos aos fatos e dos pensamentos entre si”, ou seja, a adaptação dos

---

<sup>3</sup> Expressão empregada por Theodor Adorno.

“pensamentos aos pensamentos”, e ao mesmo tempo “em correlação com a investigação do material experimental” (ASSOUN, 1981/1983, p. 95-96) . A partir disso, é preciso comentar que o próprio termo “Metapsicologia” desde o início se apresenta claramente: tal expressão não está diretamente alinhada com interesses metafísicos, mas sim a criação de um campo do saber que está diretamente alinhado com uma psicologia dos processos que levam para além do plano da consciência, ao mesmo tempo que estará ao lado da Psicologia da época (pois o prefixo “meta” detém esse duplo sentido).

Desse modo, fica evidente a pretensão científica que a Psicanálise detém e a maneira com que seu fundador apresenta e articula suas teses com o aparato conceitual desse campo recente do saber. Tais teses serão apreendidas da experiência clínica (esta considerada como constituinte do saber do sintoma), descritas exaustivamente pelo seu fundador e terão uma longa análise a partir dos casos que ele se utilizou para compreender e articulá-los dentro de sua teoria. Além disso, esse arcabouço conceitual apresentado dentro desse compilado de textos é uma tentativa de estabelecer a Psicanálise como teoria científica fundamentada a partir de parâmetros que demonstrem que ela esteja para além da própria psicologia convencional, sendo ela uma crítica rigorosa da Psicologia da época, compreendendo que os textos metapsicológicos são a incorporação, até então, mais completa dessa crítica. Outrossim, para constituir toda essa ruptura, seria necessário que sua “bruxa chamada Metapsicologia” entrasse em ação para que o ato de “fantasiar” houvesse sentido, como dirá anos mais tarde (FREUD, 1938/2017, p.249). Tal recurso, é preciso ressaltar, aparecerá durante toda a obra freudiana e diz respeito a uma forma de escapar a uma paralisia do pensamento clínico do seu tempo através da especulação e teorização. Nesse aspecto, compreendemos então que a própria Psicanálise estaria fora do escopo desse campo convencionalmente chamado de Psicologia, pois, através da referência a Goethe para apelidar a metapsicologia de bruxa, Freud pretendia, em última

instância, “intervir pontualmente para desenhar, com clareza, os contornos de uma incerteza clínica” (ASSOUN, 2000, p.19-20).

Dessa forma, se a metapsicologia, ela sendo uma ferramenta de decifração do patológico, parte de uma perspectiva de que o Eu e a consciência estão submetidas ao inconsciente, como compreender essa última instância até então recentemente descoberta no aparelho psíquico? Nesse sentido, podemos dizer que, por um lado, o

“(…) inconsciente abrange atos que não são apenas latentes, temporariamente inconscientes, mas que de resto não se diferenciam em nada dos conscientes, e, por outro lado, processos como os recalçados,<sup>4</sup> que, caso se tornassem conscientes, contrastariam da maneira mais crua com os restantes conscientes.” (FREUD, 1915/2010, P.108)

A partir da citação feita acima, percebemos que o aparelho psíquico possui uma determinada esfera de não saber que influencia o âmbito da consciência, ao mesmo tempo que há uma certa equivalência entre as duas instâncias do aparelho quando se pensa especificamente na forma ideativa de ambas. Nisso, a instância psíquica do inconsciente sempre terá o estatuto de ocultamento de um saber, além de compreendermos que o “recalque e o retorno do recalçado funcionam como as duas faces de um mesmo mecanismo psíquico”, sendo eles as chamadas “formações do inconsciente” (HERVÉ CASTANET; YVES ROUVIÉRE, 2011, n.p). Nesse sentido, esse mecanismo psíquico tem por função manter no plano do inconsciente as ideias e representações ligadas aos conteúdos ideativos considerados inaceitáveis ou que poderiam afetar o equilíbrio do funcionamento psíquico do indivíduo, tendo por função a autoconservação do aparelho. A partir disso, podemos compreendê-lo como operador da explicação metapsicológica de tal maneira que ele demonstra a verdade oculta do inconsciente. Outrossim, o

---

<sup>4</sup> A respeito dos problemas de tradução do termo alemão *Verdrängung*, remeto o leitor a Garcia-Roza (1995, p. 164-165).

retorno do recalçado seria, dentro desse processo, aquilo que retorna na forma de sintomas que contribuem para a desestabilização da psique.

Partindo dessa pequena digressão, temos então a mínima noção das ambições da metapsicologia freudiana e suas respectivas modificações teóricas no campo do psiquismo. Esses cortes com outros campos do saber dizem respeito ao fato de que a própria fundação do aparelho psíquico estaria ligada ao inconsciente. Todavia, a própria metapsicologia demonstra de maneira mais elaborada as respectivas forças e investimentos da energia libidinal presente tanto no plano anímico como no somático, exatamente pelo fato de que essas forças possuem uma dinamicidade dentro de tais espaços do aparelho. Tais forças, denominadas de *pulsões*<sup>5</sup>, é aquilo que funciona como pedra de toque da epistemologia psicanalítica e sua respectiva cientificidade, estando por detrás de todos os processos psíquicos.

Dessa forma, é importante notar que o aparelho delineado por Freud a partir desses pressupostos detém três dimensões que estariam presentes dentro da relação dele com seus estímulos internos e externos: a *tópica* (espaço), *dinâmica* (conflito de forças) e *econômica* (intensidade). A primeira dimensão diz respeito a hipótese do inconsciente, como também a maneira que podemos visualizar o aparelho dentro de suas partes díspares e proporcionar um saber a respeito dos processos que circundam o organismo. Nesse aspecto, a dimensão tópica estaria responsável por fornecer uma *forma material do grafismo*, isto é, um conjunto de representações esquemáticas destinadas a demonstrar o aparelho psíquico (ASSOUN, 2000, p.42). A *dinâmica* estaria ligada a denominada pedra angular sob a qual estaria sustentado todo o edifício da Psicanálise, ou seja, a maneira que o recalque opera ao afastar e manter a distância todos os representantes representacionais que estão em contradição com o funcionamento do Eu, tendo assim a

---

<sup>5</sup> Para uma visão oposta a essa tradução do termo alemão denominado *Trieb*, remeto o leitor a Simanke (2014).

concepção de *fixação* do recalque a pulsão. Por último, o registro *econômico* do aparelho psíquico estaria diretamente ligado a concepção quantitativa, seus referidos processos e seus custos em termos de descarga de energia psíquica. Podemos compreender ela a partir das somas de excitação do aparelho e as respectivas formas de adquirir prazer e se afastar do desprazer que afetam o organismo em relação aos estímulos psíquicos que o mundo externo e interno proporciona para o Eu.

Desse modo, o objetivo do autor é se utilizar dessas três dimensões do próprio aparelho em conjunto com as formações do inconsciente e a plasticidade pulsional para dar conta de um processo de formalização da Psicanálise enquanto um campo que segue os parâmetros científico-metodológicos. Contudo, o conceito de pulsão funciona como motor do aparelho psíquico e que estaria presente dentro de todos os processos do corpo e da própria alma, tendo por consequência de que ela – a pulsão - é o *conceito fundamental* da Psicanálise, sendo por isso que nos ateremos a sua teorização mais bem acabada dentro da obra *Pulsões e Seus Destinos* de 1915.

### **Pulsões e seus destinos**

Em um primeiro momento, é necessário comentar, que Sigmund Freud detinha uma característica sempre muito presente dentro da sua obra e que dizia respeito a um certo “estilo retórico” apresentado mediante toda a teoria psicanalítica (BIRMAN, 2016, n.p). Nesse sentido, seu estilo dizia respeito a um certo de tipo de retomada dos próprios princípios epistemológicos psicanalíticos antes de enunciar quaisquer teses que caracterizassem um avanço no trabalho teórico. Tal estilística argumentativa sempre perpassava por uma análise rigorosa desses pressupostos, ao mesmo tempo que funcionava como forma de legitimação científica das suas próprias teses. Sendo assim, com o

conceito de pulsão esse processo não foi diferente, pois, em seu texto programático da Metapsicologia denominado *Pulsões e seus Destinos*, o autor não deixa de retomar os pressupostos de toda formulação teórico científica e de ressaltar o fato de que toda ciência não começa com conceitos fechados e certos, ao mesmo tempo que eles sempre serão passíveis de reformulação. Sendo assim, será exatamente por isso que ela sempre exigirá reconstruções teóricas baseadas na descrição de fenômenos.

Ademais, o próprio texto em questão possui, de entrada, uma perspectiva bastante peculiar voltada para o ponto de vista da própria Fisiologia da época, mais especificamente pensando nas noções de *estímulo* e de *arco reflexo*. Esse último, é considerado um esquema que apresenta o mecanismo instintual de ação do ser vivo, tendo por objetivo a neutralização de um estímulo externo que atinge o próprio organismo inserindo um *excesso* equivalente ao desprazer, além de ser um tipo de *adequação* entre a resposta e a finalidade da mesma com relação a um perigo e/ou objeto externo (LUANA, 2017, p.76). Outrossim, Freud declara que a noção de estímulo está subsumida ao conceito de pulsão porque o mesmo se dá conta de que há um determinado tipo de excitação que não é comumente visto pelo sujeito em suas atividades convencionais e que diz respeito ao interior do aparelho psíquico, como também de que ele não é algo que é passível de se livrar (a título de exemplo a própria fome, sede e o medo funcionariam dentro desse registro). Nesse aspecto, o próprio autor afirma que, sob o a perspectiva da economia libidinal e suas noções de descarga afetiva, a pulsão funciona como uma *força constante* que está sempre entre a sua necessidade e a satisfação. Contudo, essa última somente pode ser alcançada através de uma modificação do próprio organismo, se dando conta que a pulsão não pode ser plenamente realizável, mas apenas *apaziguada* momentaneamente. Porém, é o próprio aparelho que estaria então submetido às moções pulsionais que teriam um caráter de *perturbação* que ameaça o princípio de homeostase por detrás da própria psique,

tendo ele por função a tentativa de *domínio das excitações pulsionais*. Nesse sentido, então, pode-se dizer que essa força constante teria por imperativo a própria necessidade, já que a satisfação não faz parte da própria constituição do aparelho psíquico (além de percebermos que a satisfação, impossível desde o início, seria a única ferramenta capaz de eliminar a necessidade pulsional).

Por conseguinte, podemos afirmar que a pulsão é um estímulo entre as esferas do corpo e da mente, podendo nos incorrer a deduzir que a Psicanálise está no campo das ciências da natureza. No entanto, a leitura que adotaremos aqui estará enquadrando esse campo dentro das chamadas ciências do espírito, partindo de pressupostos já explicitados por alguns autores (MEZAN, 2007; ROUDINESCO, 2016, p.399). Além disso, a pulsão se relaciona com o estímulo fisiológico externo fundamentado na noção de arco reflexo, bem como de que ela *ultrapassa* as moções *instintuais* do organismo, delimitando dessa forma que o sistema nervoso está submetido às pulsões. Dessa forma, elas são também o estímulo interno que somente teremos acesso a partir de seus representantes ideativos que se manifestam no plano da consciência. Nesse aspecto, podemos afirmar que a pulsão se exprime como intermediador de dois fatores psíquicos, os quais são, em primeiro lugar, o *representante-representacional*, ou seja, “a fixação perceptiva da experiência de satisfação”, e, por outro lado, o *afeto*, o qual é considerado o “elemento de descarga” de energia libidinal (ASSOUN, 2000, p. 49-50). Outrossim, elas constituem a distinção entre o *interior* e o *exterior* do próprio organismo, possuindo então um caráter de diferenciação entre o *dentro* e o *fora* do indivíduo. Ademais, a pulsão

“(…) trabalha com a noção de tendência (eventualmente, de finalidade) e sustenta que o sistema nervoso é um aparelho cuja função é a de afastar os estímulos que o atingem, reduzi-los ao mais baixo nível ou, se fosse possível, manter-se completamente livre de qualquer estímulo.” (FREUD, 1915/2013, p.21)

Partindo dessa enunciação, a própria pulsão envolveria, além do caráter de postulado teórico, uma espécie de teleologia da existência do próprio organismo exatamente pelo fato de que o aparelho pretenderia, se possível, eliminar qualquer estímulo ou perturbação que possa advir de seu interior. Entretanto, como já foi dito anteriormente, o próprio indivíduo estaria situado em uma encruzilhada dessa existência, pois temos a satisfação de suas moções pulsionais inscritas como impossibilidade ao mesmo tempo que temos “um *fantasma de morte* no interior da própria vida” (BIRMAN, 2016, n.p). Em suma, a finalidade da vida seria a própria morte, bem como de que o desafio imposto pela vida ao aparelho psíquico, impossível desde o início, seria o domínio das moções pulsionais.

Partindo então de todos esses pressupostos, Freud enunciará sua clássica definição concisa a respeito da própria pulsão, a qual é considerada por ele como um

“(...) conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal.” (FREUD, 1915/2013, p.25)

Tal enunciado comprime os argumentos já explicitados anteriormente de tal maneira que a pulsão seja compreendida como esse estímulo do interior do corpo que é impossível de se esquivar, ao mesmo tempo que funciona como uma exigência interna constante de trabalho ao qual o organismo é submetido sem nenhuma possibilidade de satisfação plena. No entanto, para fins de clareza, gostaríamos de destacar um ponto dessa definição de tal forma que possamos compreendemos amplamente o que Freud gostaria de explicitar. Nesse aspecto, a afirmação chave que é apresentada nessa passagem é de que a pulsão é um conceito *fronteiro*, o qual está entre o anímico e o somático, concluindo-se a partir disso que ela não está apenas em um desses dois registros, mas em ambas as partes. Desse modo, podemos também perceber

que esse conceito possui uma natureza eminentemente metapsicológica, exatamente pelo fato de que o mesmo não se inscreve tão somente no registro da Psicologia e nem da Biologia. Estaria correto afirmar então que o uso, dentro da noção de *fronteiriço*, teria interesses explicitamente *tópicos* desse conceito, onde todos os demais fenômenos que vem a ocorrer no interior do aparelho dizem respeito a esse limiar da pulsão, deixando claro o caráter *fundamental* desse conceito para o campo da Psicanálise. Por fim, fica claro que, com esse caráter limítrofe e transitório entre o psíquico e o somático, a motivação de Jacques Lacan de dizer que há, a partir disso, na pulsão, uma atividade espacial que se apresenta como borda que *contorna* o objeto (LACAN, 1964).

### **As gramáticas da pulsão**

Dando prosseguimento ao texto, Freud começa a apresentar as diferentes gramáticas pulsionais que, quando compiladas, apresentam a estrutura do conceito de pulsão. Tais qualidades plásticas, nesse aspecto, se referem especificamente a “identidade das pulsões”, sendo ela o “efeito da unificação ou da identificação de suas diferentes gramáticas” (DUNKER, 2013, p.143). Partindo dessa perspectiva, percebemos então que o conceito de pulsão da obra freudiana detém um caráter de *montagem*, sendo ela feita a partir de quatro elementos fundamentais díspares que constroem a sua identidade: a pressão, meta, objeto e fonte da pulsão. Todas essas gramáticas são o que compõe os entes míticos da própria Psicanálise, como dirá Freud anos mais tarde (FREUD, 1933/2010, p.241).

Primeiramente, a *pressão* diz respeito a um certo *fator motor*, no sentido de que a pulsão detém uma exigência de trabalho ao próprio aparelho e que carrega consigo a perspectiva *quantitativa* dessa entidade mítica e sua respectiva

*intensidade*. Nessa perspectiva, o que fica claro é que essa *força constante* é inegociável, que o estímulo interno possui um caráter excedente que impele o organismo ao movimento e que essa pressão diz respeito a uma certa *porção de atividade* que sempre se fará presente na fronteira entre o anímico e o somático. Em suma, como diz o próprio autor, essa característica impelente é a essência da pulsão.

O segundo termo diz respeito a *meta* pulsional. Como afirmamos anteriormente, a meta da pulsão será sempre a sua satisfação, a qual poderá ser alcançada somente pela suspensão do estado de estimulação na fonte interna. Partindo disso, podemos claramente nos lembrar que essa característica da pulsão possui uma conotação de perturbação do próprio organismo, produzindo desprazer e fazendo com que almejar a satisfação seja a saída para descarregar essa energia psíquica que causa desconforto. Essa satisfação, é importante ressaltar, nem sempre é *plenamente* atingida, detendo uma índole *parcial* que a pulsão, em seu trajeto, tenta realizar a qualquer custo. Apesar de apresentar esse desafio, a pulsão possui diferentes trajetos que podem leva-la a essa meta, as quais dizem respeito as metas *intermediárias*, sendo que possuem uma combinação de diferentes alvos para almejar sua satisfação. Por fim, Freud enuncia as chamadas pulsões inibidas em sua meta, dizendo respeito a processos psíquicos que serão desviados ou inibidos, detendo sempre o atributo de *satisfação parcial* dessas pulsões.

O *objeto* da pulsão é a terceira gramática que o autor trará dessa entidade mítica. Nesse aspecto, o objeto é o meio pelo qual a pulsão atingirá sua satisfação, além de ter uma peculiaridade: esse componente é puramente *variável*, pois pode sempre ser substituído incontáveis vezes para seus objetivos. Sendo assim, pulsão sempre aparecerá como algo que não é ligada ao objeto inicialmente, mas que se acopla a ele para que sua meta seja possível. Além disso, é possível que um objeto sirva para diferentes pulsões, sendo o caso do *entrecruzamento pulsional*, como também a ocorrência de uma pulsão se ligar

rigidamente a um determinado objeto, relutando intensamente pela dissolução da sua ligação com ele: esse é o caso da chamada *fixação* (sendo esse caso o momento em que a pulsão perde a sua respectiva plasticidade).

Por fim, a *fonte* da pulsão é colocada como o processo somático presente em um órgão ou parte do corpo. Nesse sentido, é importante ressaltar, a pulsão é um *representante psíquico* de um *estímulo interno*, sendo então a fonte uma parte respectiva do corpo do organismo que sofrerá um tipo de *modificação*. Todavia, essa modificação é o que condicionará o organismo a atingir a sua meta, ao mesmo tempo que reconhecerá as partes do corpo que manifestam essas moções pulsionais. Além disso, alega nosso autor, o estudo propriamente dito dessas fontes pulsionais não está mais no campo da Psicologia, pois o interesse a respeito das pulsões é inferir, a partir de suas metas, suas fontes. Outrossim, por mais que essa fonte somática seja importante dentro dos estudos da pulsão, o que fica claro é que ela está para além do cognoscível, ultrapassando assim, os avanços de ordem metapsicológica.

Todavia, essas quatro gramáticas são o que unificariam apenas alguns fatores da própria pulsão, lembrando sempre que estarão presentes a sua plasticidade e variabilidade do objeto, como também a combinação desses quatro atributos já nomeados. Contudo, é importante sempre lembrar que ela deterá ainda “predicados coercitivos tais como pressão constante, incondicionalidade da satisfação como meta, inalterabilidade (*fixação*) e inexpugnabilidade”, além de compor a “combinação entre determinação e indeterminação” presente no conceito de entrecruzamento pulsional, como também seu caráter de indeterminação (DUNKER, 2013, *ibidem*). Em suma, a identidade das pulsões será fruto da soma de todos esses atributos e sua respectiva mobilidade, intensidade e espacialidade no interior do aparelho psíquico, além de materializar o *circuito* pulsional entre necessidade e satisfação. No entanto, essa identidade das pulsões cruza com a maneira que Freud

abordava a sua prática clínica, exatamente pelo fato de que ela detém um atributo de *barroco epistemológico*<sup>6</sup>, isto é, ela possui o “encontro de diferentes estilos heterogêneos compostos onde cada heterogeneidade é constituinte”, exatamente como o conceito de pulsão e sua fundamentação a partir de campos diferentes entre si (ASSOUN, 1981/1983, p.135).

### A dualidade pulsional

Dito isso, a energética libidinal presente nesse *circuito* da pulsão estaria então sempre operando a partir das leis do princípio do prazer, o qual tende a direcionar o aparelho psíquico para o prazer e afastá-lo do desprazer, sendo essa a premissa que esse estímulo interno segue. No entanto, ainda não apresentamos propriamente a classificação nomeada por Freud dentro do quadro pulsional da Metapsicologia, o qual diz respeito às *pulsões de autoconservação do Eu* e as *pulsões sexuais*. Nesse sentido, essa classificação que apresentamos possui novamente a experiência clínica e a sua prática com as neuroses de transferência (histeria e neurose obsessiva) como ponto de partida para tal categorização. Além disso, a investigação dessas neuroses de transferência deixa aparente o conflito entre as próprias exigências da sexualidade e as do Eu, exatamente pelo fato de que essa relação de ambas as esferas conferem coerência e consistência ao que Freud enunciará anos mais tarde como *cisão* do Eu (FREUD, 1938/2020, p.200).

---

<sup>6</sup> Tal perspectiva se apresenta de forma similar no estudo *O Título da Letra* quando os autores afirmam que, a respeito da constituição teórica da Psicanálise: “a verdade de Freud exigia, para ser articulada, o recurso a outras ciências que não aquelas que pareciam delimitar seu campo (biologia e psicologia). Era preciso, pois, construir, para constituir o discurso psicanalítico em geral, um *sistema inteiro de empréstimos*, apelando à linguística, à etnologia estrutural, à lógica combinatória. Este processo mesmo, no entanto, tornava necessário o discurso de sua própria legitimidade, ou seja, um discurso epistemológico - ou, antes, na medida em que se via constituir-se, dessa forma, não apenas uma ciência, mas uma cientificidade inédita, um discurso *sobre* a epistemologia. E o conjunto da operação representava definitivamente uma passagem explícita do discurso da análise pelo discurso filosófico - a mesma passagem que Freud, se bem que a tivesse sempre implicitamente evocado ou indicado, não tivesse jamais praticada *como tal*.” (LACOUÉ-LABARTHE, PHILIPPE; NANCY, 1991, p.20, grifos meus e do autor)

Partindo desses argumentos, o discurso freudiano afirma que podemos compreender tal dualidade pulsional a partir da perspectiva biológica, a qual apresentará uma compreensão a partir do indivíduo e da espécie. Nesse sentido, o que a Biologia nos ensina a respeito dessa dualidade é

“(…) que a sexualidade não se equipara a outras funções do indivíduo, já que suas tendências estão acima do individual e têm por conteúdo a produção de novos indivíduos, logo, a preservação da espécie. Ela nos mostra, ademais, que há duas concepções coexistindo justificadamente a respeito da relação entre o Eu e a sexualidade: uma, segundo a qual o indivíduo é o elemento principal, sendo a sexualidade valorizada como uma de suas atividades e a satisfação sexual como uma de suas necessidades, e outra para a qual o indivíduo é um apêndice temporário e evanescente de um plasma germinativo quase imortal, que lhe foi confiado pela transmissão geracional.” (FREUD, 1915/2013)

Partindo dessa afirmação acima, compreendemos que a sexualidade e sua respectiva energia libidinal está para além do próprio ser humano, nutrindo suas volições e dando corpo às suas necessidades sexuais, bem como a mesma está a serviço de sua própria espécie. Sendo assim, o dualismo pulsional, primeiramente colocado como *pulsões de autoconservação*, diz respeito a um processo biologicamente justificado da satisfação dos desejos do indivíduo e de seu prazer exclusivo, como também da própria *conservação* do aparelho psíquico. Outrossim, as denominadas *pulsões sexuais* estariam voltadas para a *conservação* da espécie, sendo o sujeito, remetendo a citação acima, apenas um apêndice temporário e evanescente de um plasma germinativo, tendendo para a reprodução de novos indivíduos.

Além disso, o que fica por detrás dessa dicotomia pulsional é que, mediante ela, as pulsões de autoconservação reafirmariam o fato de que “a finalidade soberana da vida seria o gozo e o prazer, pelo exercício pleno, geral e irrestrito da sexualidade perverso-polimorfa e do desejo”, além de, no caso das pulsões sexuais, “o prazer e o gozo estariam regulados pelo imperativo da reprodução, visando a manutenção da imortalidade do plasma germinativo”

(BIRMAN, 2016, n.p). Fica então, dessa forma, apresentada devidamente essa dicotomia entre ambas as pulsões e a separação entre indivíduo e espécie.

### **Destinos da pulsão**

Partindo então das noções de que a pulsão é fruto de uma *montagem* e que a mesma detém um *circuito*, é necessário afirmar que esse tipo de construção está diretamente relacionado com a *ligação* e a *inscrição* da mesma no campo das representações da pulsão, sendo elas as chamadas *representante-representação* e *representante afetivo*, como já demonstrado anteriormente. Esses dois são os mediadores dos representantes pulsionais e que através deles o impulso em questão encontraria seus respectivos destinos. No entanto, é preciso comentar que esse procedimento demonstra outro lado dessa relação do que está entre o somático e o psíquico, exatamente pelo fato de que a face do discurso freudiano é dupla: apresenta de um lado a força (economia pulsional) de um lado e do sentido, por outro. Esses dois é que servem de base para o processo de *montagem* e *circuito* já comentados anteriormente.

Por conseguinte, ocorre-se a uma transformação dentro do aparelho psíquico que influencia ambas as esferas, pois tal modificação diz respeito a manifestação da pulsão no corpo e se vincula a objetos externos que possam trazer sua satisfação. Sendo assim, tal alteração que deixa explícito o papel somático da pulsão e a sua eterna busca por satisfação. Essa busca, como dirá Lacan décadas mais tarde, sempre terá consigo um “seja feita a vossa vontade” que funcionará como imperativo interno da pulsão (LACAN, 1978a, S XVI, p.117).

Dito isso, Freud, dando continuidade à leitura do texto, começa a elencar os diferentes destinos da pulsão e suas respectivas manifestações no *corpo erógeno* a partir da modificação comentada no parágrafo anterior. No entanto, o autor deixa muitíssimo explícito que se pode descrever os destinos

pulsionais como espécies de *defesa* contra as pulsões. Ou seja, tais defesas estariam apresentando um caráter fundante da contradição já citada entre as exigências da sexualidade e as do Eu, pois a satisfação pulsional pode desestabilizar o funcionamento do aparelho e indo de encontro com o princípio de prazer. Sendo assim, tais destinos pulsionais seriam uma defesa do Eu contra essas pulsões que advém do inconsciente. Contudo, o termo “destino” nos indica dois pontos importantes: ele indica que aquilo que se satisfaz em um ser humano nas suas pulsões é propriamente humano, produzindo os seres singulares, ao mesmo tempo que esses destinos são compostos de elementos que escapam ao sujeito em seu “teatro”, despersonalizado, a-subjetivo (DAVID-MÉNARD, 2002, p. 208).

Dessa forma, Freud elenca inicialmente o que ele chama de *reversão em seu oposto*, sendo que ela, de acordo com o autor, desdobra-se em dois processos diferentes, sendo eles a *passagem da atividade para a passividade* e a *inversão de conteúdo*. Outrossim, esse primeiro é exemplificado em dois pares antitéticos: sadismo-masochismo e voyeurismo-exibicionismo.

Essa primeira polaridade nasce de uma “dialética do poder”, pois observa-se a violência manifestada em outro corpo ou objeto; tendo em segundo lugar o “abandono deste objeto exterior e a substituição pelo próprio indivíduo” ocorrendo conjuntamente “com a transformação da finalidade de ativa para passiva” (MEZAN, 2013, p. 169). Sendo assim, o masochismo se manifestará quando a pulsão parcial é direcionada, ao invés de objetos externos, para o papel ativo do Eu. Da mesma forma, a inversão da atividade para passividade operará no segundo par de voyeurismo-exibicionismo, pois nessa estará em jogo o ato de contemplar e ser contemplado, detendo assim, a inversão de conteúdo homóloga ao primeiro par.

Em segundo lugar, Freud enuncia que o segundo destino pulsional é o *retorno em direção à própria pessoa*. Nesse contexto teórico, é importante ressaltar,

Freud constata que possuímos um *sadismo originário*, o qual exprime agressividade direcionada ao outro que foi tomado como objeto pelo próprio indivíduo. Dessa forma, o masoquismo que caracteriza esse destino da pulsão é diretamente deduzido desse sadismo primário, sendo ele, nas palavras de Freud, um sadismo que se voltou para o próprio Eu, da mesma forma que o exibicionismo é o voyerismo que retornou ao Eu. Sendo assim, em ambos os casos se tem a modificação do objeto da pulsão utilizando inicialmente a si mesmo como objeto, mas que depois seleciona objetos exteriores para satisfação pulsional (contemplar - ser contemplado; sentir dor - infringir dor). Ademais, essa noção de ser objeto de si mesmo tem reverberações na concepção psicanalítica da neurose obsessiva, pois ela apresenta explicitamente o papel da ambivalência do destino pulsional e o sadismo destinado ao Eu. Desse modo, essa perspectiva do masoquismo do obsessivo nos revela o caráter de autopunição e o quanto essa vicissitude é prioritariamente de natureza narcísica.

Nesse sentido, tal destino pulsional, bem como o anterior, estão marcados pela dualidade atividade-passividade, que se apresentam dentro desses processos e suas polaridades, novamente reafirmando a plasticidade das pulsões e suas múltiplas buscas por satisfação. Além disso, essas mesmas buscas estarão sempre permeadas de uma *coexistência* dessas diferentes etapas do circuito pulsional, deixando clara a complexidade desses diferentes destinos e suas peculiaridades, como também de que há, por detrás dessa coexistência, uma *ambivalência* que perpassa a relação do sujeito consigo mesmo e principalmente com o outro (BIRMAN, 2016, n.p).

### **As polaridades e o princípio de prazer**

Após essa digressão, relembremos que o escritor austríaco coloca em cena o papel do princípio do prazer a partir da investigação da *reversão da pulsão*

*em seu contrário através da inversão de conteúdo.* Essa, de acordo com Freud, é exemplificada por meio da dualidade entre amor-ódio. Tal destino pulsional diz respeito ao mecanismo de autoconservação, pois o ódio é, por excelência, o modo do aparelho psíquico lidar com os objetos externos que causam o seu mal funcionamento, estando de acordo com o princípio de prazer. Por outro lado, essa inversão também deixa aparente a denominada ambivalência de sentimentos, possuindo, em seu interior, três formas de oposição que convivem conjuntamente: amar - odiar, amar - ser amado e o amar e odiar em conjunto, isto é, em estado de indiferença.

Ademais, Freud atenta para o fato de que essas três formas de oposição que se identifica através da inversão de conteúdo estão diretamente submetidas, bem como de toda a vida anímica, a três polaridades nomeadas por ele na sequência do texto: Sujeito – Objeto; Prazer – Desprazer; Ativo – Passivo. Cada uma delas diz respeito a maneira que as pulsões operam no interior do aparelho e como funcionam as transformações plásticas da pulsão nesses processos psíquicos. Sendo assim, a primeira polaridade que é comentada pelo autor está diretamente envolta na vida do sujeito, pois desde o início de sua existência é que a experiência se funda na relação entre esses dois âmbitos, tendo por fim que a compreensão entre eles pode ser feita mediante estímulos externos e o controle deles por meio da força muscular. No entanto, deve-se depreender dessa noção que tal oposição é constituinte direta ou indiretamente, ao próprio narcisismo. Todavia, os estímulos que se fundam no interior do aparelho não são passíveis de controle do indivíduo, deixando claro que essa oposição permanece soberana na experiência do sujeito em sua vida cotidiana.

Em segundo lugar, têm-se a dualidade Prazer – Desprazer. Ela está entrelaçada com uma escala de sensações que sempre estão influenciando a nossa *consciência* e, conseqüentemente, as nossas ações através da vontade, tendo, como já foi anteriormente enfatizado, as pulsões funcionando por

meio desses polos. Dessa maneira, teremos embutidos nesse processo a própria noção de desprazer como excesso de energia, ao passo que o prazer será por meio da descarga de energia psíquica, entendendo que ambos estão sendo administrados pela lógica de funcionamento do princípio do prazer.

Por fim, a oposição entre Ativo e Passivo é demonstrada através da atuação passiva do Eu diante do mundo externo, pois ele recebe inúmeros estímulos do mesmo. Entretanto, quando se trata da atividade do sujeito perante o mundo, compreenda-se que esse é o momento em que ele reage perante esses estímulos. Contudo, o Eu sempre estará passivamente colocado diante o mundo e ativamente posicionado por meio de suas pulsões *ao mesmo tempo*. Desse modo, podemos afirmar que, nessa perspectiva, o Eu é, como já comentado anteriormente, por definição, ambivalente.

A partir dessas três polaridades anímicas e das investigações das fases psíquicas primordiais que aparecem em seu texto sobre o Narcisismo, Freud se dá conta de que duas delas coincidem entre si, tendo inicialmente o Eu como alvo das moções pulsionais, isto é, ele é o *depósito* das pulsões dentro desse período. Ainda se referindo a essa fase, o Eu é capaz de satisfazer suas próprias pulsões em si mesmo, ou seja, ele tem a habilidade de obter satisfação *autoerótica*. Desse modo, percebemos que a fase em questão se refere ao denominado *narcisismo primário* e sempre tendo como atributo primordial esse estágio que não necessita de objetos externos para obter satisfação. Sendo assim, esse momento do desenvolvimento possui o atributo de que o mundo externo é dotado de indiferença e eventualmente de desprazer, coincidindo o Eu com o polo do Prazer dentro da vida anímica.

O Eu, sendo compreendido como autoerótico, recebe objetos do mundo exterior ao mesmo tempo que compreende, por um breve período, os estímulos internos como prazer. Nesse aspecto, por causa da ação do princípio de prazer, ele introjeta os objetos que, na sua perspectiva, são fontes de prazer

para suas moções pulsionais e “expele” o que no seu interior é causa de desprazer, transformando-se, o que antes era *Eu-real*, em um *Eu-prazer* que prioriza o prazer acima de todas as coisas. Dessa maneira, o mundo está dividido entre aquilo que é prazeroso e o *resto* que incorporou, considerado esse como algo estranho ao seu próprio corpo, projetando-o no mundo externo e reagindo a ele com hostilidade. Todavia, percebemos aqui que esse novo estágio do desenvolvimento psíquico adiciona, em conjunto com o narcisismo, a diferença que não coaduna – necessariamente – com os interesses desse Eu, tendo então o mundo como um obstáculo a ser superado para que impere o princípio do prazer e, conseqüentemente, a satisfação das moções pulsionais com a autoconservação do aparelho psíquico.

### **A eterna ambivalência entre amor e ódio**

Dessa forma, com a introdução do objeto dentro dessa primeira etapa do desenvolvimento psíquico, teremos então a segunda oposição - já mencionada – do ato de odiar. Tal ato sempre se revelará com relação a objetos do mundo externo que – os quais eram anteriormente indiferentes ao Eu - causem estímulos desprazerosos. Ademais, além do mesmo sentir ódio a esse objeto em questão, se esforçará para aumentar a sua distância dele, repetindo a tentativa de fuga do mundo externo e de seus respectivos estímulos, pois estará coberto pelo sentimento, atrelado ao ódio, de repulsa. No entanto, se o objeto vir a se apresentar futuramente como fonte de prazer, o mesmo passará a ser amado e incorporado ao Eu, fazendo jus a polaridade entre amor e ódio. Sendo assim, podemos compreender que essa última dupla de opostos está diretamente submetida a dualidade prazer - desprazer, tendo essa como símbolo das relações de objeto. Dito isso, Freud é muito criterioso no momento de caracterizar o ato de amar, pois tal palavra diz respeito muito mais a esfera da pura relação de prazer do Eu com o objeto, sendo direcionada

para fins estritamente sexuais e/ou das pulsões sexuais sublimadas dentro das relações de objeto. Sendo assim, o que ele argumenta, resumindo sua concepção de amor, é que o mesmo provém da capacidade do Eu de satisfazer uma parte de suas moções pulsionais de modo autoerótico, tendo sempre em mente que tal satisfação é sempre de natureza narcísica e que acompanha o Eu, inclusive, em seu contato com os objetos provenientes do mundo externo. Logo em seguida, entende-se que essa perspectiva do amar está atrelada a fases preliminares do desenvolvimento psíquico, as quais dizem respeito ao ato de *incorporação*, ela sendo, literalmente, a destruição do objeto e trazendo dificuldades para a diferenciação do amor com o ódio. Outrossim, essa mesma dificuldade está diretamente atrelada, inclusive, com a fase sádico-anal, pois nela se manifesta o ímpeto, através da pulsão, pela apreensão e domínio dentro das relações de objeto (MEZAN, 2013, p.184). De todo modo, essa problemática de esclarecimento da noção de amor e sua oposição com o ódio apenas estará plenamente resolvida quando estabelecida a chamada organização genital, pois Freud compreende que nos estágios iniciais do desenvolvimento do aparelho psíquico é o ódio e sua repulsa ao mundo exterior que reina dentro do Eu narcísico nesse período. Em suma, a *ambivalência* do amor estará sempre presente, pois o mesmo estará acompanhado do ódio contra o mesmo objeto, sendo por isso que, em momentos de rompimento de laços amorosos, o ódio toma o lugar do amor em função das pulsões de autoconservação do aparelho psíquico e da regressão da fase preliminar sádica.

Para finalizar, o que Freud compreende ao depreender de todas essas caracterizações, é que as “moções pulsionais estão submetidas às influências das três grandes polaridades da vida psíquica” (FREUD, 1915/2013, p.63). Essas são, como já nomeadas e explicadas, a relação entre atividade – passividade (perspectiva *biológica*), Eu – mundo externo (ponto de vista da *realidade*) e prazer – desprazer (aspecto *econômico*). No entendimento de Freud,

tais polaridades refletem a formalização da atividade pulsional dentro do aparelho psíquico e suas respectivas ambivalências dentro do mesmo. Além disso, é preciso notar que, todas elas têm por objetivo situar dentro da metapsicologia, o que Freud situou como *sujeito do sintoma*, isto é, a abordagem psicopatológica dos fenômenos derivados desses sintomas. Nesse sentido, o que é possível detectar como uma articulação das “rupturas” ou “fendas” é o que dá corpo ao, na perspectiva da Psicologia da época, impossível (ASSOUN, 2000, p.118).

### **Entre a repetição e a pulsão de morte**

Devemos demonstrar antes de tudo como, dentro do pensamento freudiano, o conceito de pulsão de morte apareceu, tendo em mente que sua primeira aparição pública foi no texto *Além do Princípio do Prazer (APP)* de 1920, considerado como obra-pivô da segunda tópica freudiana. Esse texto possui o caráter de reformulação da compreensão da pulsão, a qual se modificará, através de uma extensa pesquisa de principal matriz biológica. Tal desenvolvimento teórico dará corpo aos famosos conceitos de *compulsão a repetição* e *pulsão de morte*, os quais causaram, desde a época de sua publicação, um grande impacto na opinião dos mais próximos seguidores de Sigmund Freud, seja para o bem, seja para o mal. Essas discordâncias teóricas a respeito desses conceitos não são de forma alguma aleatórias e sem motivo. Por isso, é preciso compreender que, além desse texto apresentar uma reinterpretação das pulsões e sua respectiva economia, Freud tentará nos lembrar “que não somente há uma dessimetria absoluta, mas que entre o sujeito do inconsciente e a organização do Eu, há uma diferença radical (...) de um outro grau” (LACAN, 1978b, S II, p.80). Nesse sentido é que há, através de ambos os conceitos introduzidos nesse texto, um *descentramento do sujeito* da Psicanálise e sua respectiva manifestação dentro da atividade clínica, deixando claro, em

última instância, de que o sujeito do inconsciente *é um outro* (LACAN, 1978b, p.16).

Dito isso, é preciso notar que o termo “pulsão de morte” apareceu, inicialmente, de maneira tímida, em uma carta de Freud a Max Eitingon de dezembro de 1919, tendo ciência de que o primeiro manuscrito de *APP* já havia sido produzido. Além disso, esse manuscrito sofrerá modificações de tal monta que, em sua segunda versão, teremos como principal modificação a adição do famoso capítulo seis e a terminologia “pulsão de morte” adicionada e concluída em julho de 1920 (MAY, 2015, p. 213-214). Nesse sentido, é de se notar que, sabendo dessas mudanças no texto e suas respectivas reformulações futuras, o próprio autor não tinha certeza a respeito desse destino, desse “traço daimoniaco” que persegue o indivíduo no decorrer de sua existência. Todavia, independente dessas inseguranças por parte de Freud, isso não impediu que ele trouxesse essas novas contribuições para a Psicanálise ao se reportar ao “campo mais obscuro e inacessível da vida anímica” (FREUD, 1920/2020, p.61).

Desse modo, é importante notar que estamos em um período histórico no qual Freud estava lidando com diversos pacientes com traumas da guerra que eram incontornáveis e que se manifestavam em seus sonhos tornando o peso da realidade insuportável, como também exemplos relacionados aos jogos de crianças, o prazer de adultos de irem ao teatro, as chamadas neuroses de destino e a própria transformação de neurose traumática em neurose de transferência que servia de instrumento para uma mudança de fundamentos teóricos a respeito da pulsão. É se baseando nesses exemplos e nesse plano de fundo que o autor denotará o conceito de *pulsão de morte* e a compreendendo como um tipo de “metaprincípio de prazer” (ASSOUN, 2000, p.93). Partindo disso, o autor austríaco percebe, em *APP*, que ao decorrer do tratamento desses pacientes no consultório e no interior do laço transferencial, que havia uma *tendência* desses analisandos a *repetirem* determinadas experiências

desprazerosas que insistiam em aparecer no âmbito da consciência mediante sonhos, memórias, atos falhos, fantasias e agressividade<sup>7</sup>. O que fica claro, nesse aspecto, é o de que essas experiências possuíam um caráter traumático que estava sempre sendo revivido pelo indivíduo, o que, para Freud, pareciam ir de encontro com o já denominado princípio do prazer, exatamente pelo fato de que elas eram repetidas e que uma compulsão as pressionava (FREUD, 1920/2020, p.94). Esse tipo de investigação, de caráter *econômico*, é o que será o motor do processo de compreensão daquilo que estaria, para o autor, *além* de tal princípio, como também introduzir, de maneira incontornável, o papel do *princípio de realidade*, o qual exige e estabelece o adiamento, bem como a renúncia da satisfação das pulsões ditas, até então, sexuais<sup>8</sup>.

Nesse aspecto, podemos perceber de que esses pacientes em questão estavam demonstrando certos fenômenos que se repetiam dentro do processo de análise e que estavam diretamente ligadas com desconfortos afetivos advindos do âmbito do inconsciente. Desse modo, tais descargas de energia estavam diretamente relacionadas com uma certa desestabilização do organismo, fazendo com que esses pacientes estivessem inclinados a interromperem a análise sem ao menos investigar as respectivas causas desse material afetivo angustiante e que era desconhecido até então. Partindo disso, podemos então perceber que essa *compulsão a repetição* está diretamente relacionada com esses fenômenos clínicos detectados por Freud dentro de seus atendimentos. Sendo assim, podemos nos questionar então como, e por que, o ego está então submetido a esses processos psíquicos envolvidos com a

---

<sup>7</sup> “Freud só pôde pensar a manifestação da negatividade da pulsão de morte no interior da clínica sob a forma de reação terapêutica negativa, da destruição do outro na transferência e de outras manifestações de fantasmas masoquistas ou sádicos *que devem ser liquidados a fim de levar o sujeito ao final de análise*” (SAFATLE, 2006, p.276, grifos do autor).

<sup>8</sup> “De que maneira os dois processos, primário e secundário, se opõem? Se nos ativermos somente ao que os define externamente, pode-se dizer o seguinte: o que se passa no nível do sistema primário é governado pelo princípio do prazer, isto é, *pela tendência a voltar ao repouso*, enquanto o que se passa no nível do sistema de realidade é definido pelo que *força o sujeito à conduta do desvio na realidade*, como se diz, *exterior na condução do desvio*” (LACAN, 1978f, S V, p.46, grifos meus).

dor no âmbito da consciência? É essa a questão-chave que o autor estará se questionando no período em que desenvolve a escrita de *APP*. Além disso, é interessante ressaltar que Freud está tentando, através desse texto, “reorganizar suas ideias de análise não terminadas” para que possa “ancorá-las na teoria”, além de tentar “reencontrar o verdadeiro sentido de sua experiência”, como também se utilizando de todo o material disponível para “impulsionar essas construções [teóricas] até os limites extremos de seu poder explanatório” (BOOTHBY, 2014; LACAN, 1978b; MAY, 2015).

Partindo da questão acima, o que fica claro é que essa *repetição* é representada mediante um processo primário que se manifesta independentemente do princípio do prazer, não apenas porque ele tem um caráter traumático e é recorrente, mas especialmente pelo fato de que essa impressão desagradável está vinculada a um ganho de prazer. Tal perspectiva é passível de ser compreendida a partir do clássico jogo do *Fort da* que Freud observa em seu neto, chamado Ernest Wolfgang Halberstadt, e seu respectivo desamparo ao desenvolver o hábito de

“(…) atirar todos os objetos para longe de si, para um canto do cômodo, para debaixo de uma cama etc., de modo que reunir seus brinquedos com frequência não era nenhuma tarefa fácil. Ao fazê-lo, ela produzia, como uma expressão de interesse e satisfação, um ‘o-o-o-o’ sonoro e prolongado, que, segundo o julgamento unânime da mãe e do observador, não era uma interjeição, mas significava *fort* [despareceu, sumiu]. Percebi finalmente que isso era uma brincadeira e que a criança só utilizava seus brinquedos para brincar de *fortsein* [desaparecer] com eles. Então um dia fiz a observação que confirmou minha compreensão. A criança tinha um carretel de madeira, no qual estava enrolado o fio. Nunca lhe ocorria, por exemplo, de arrastá-lo pelo chão atrás de si para então brincar de carrinho com ele, mas, em vez disso, atirava com grande destreza o carretel amarrado na linha por sobre a beirada de seu berço descortinado, de modo a que ele desaparecesse lá dentro, pronunciava seu ‘o-o-o-o’ significativo e depois puxava o carretel pelo cordão de novo para fora da cama, mas agora saudava seu aparecimento com um alegre *da* [eis aqui, acho, chegou]” (FREUD, 1920/2020, p.77)

Entende-se que essa repetição de ordem traumática provinda de processos primários é o motor que estará operando dentro desse jogo. Não obstante, Freud compreende que a criança, em sua imersão no campo da cultura, deve pagar o preço que todos que adentraram nela devem cobrir: renúncia à satisfação pulsional. É nesse aspecto que Freud compreende o processo de compensação psíquica que seu neto desenvolve no decorrer da brincadeira. Quando o mesmo lança o carretel e ele desaparece, entende-se a partida da mãe para a criança e sua respectiva dor em um primeiro momento, tendo como objetivo principal a satisfação advinda do segundo tempo da brincadeira, a qual, ao fazer com que o brinquedo reaparecesse, levava a um final prazeroso como representação psíquica de um retorno da mãe a sua cena inicial. É então assim que Freud compreende que o que estava se manifestando no jogo do *Fort da* era a repetição da partida da mãe, mesmo que haja, de acordo com o autor, uma impossibilidade de que ela “tenha sido agradável ou mesmo apenas indiferente para a criança” (FREUD, 1920/2020, p.79). Tende-se então a afirmar que essa repetição de natureza traumática é de raiz edipiana, tendo em mente que essas representações foram devolvidas para o âmbito do inconsciente por causa do recalçamento e da censura psíquica. Dessa maneira é que tais representações estarão ativamente em estado de latência, além de impossibilitados de sua descarga energética, em razão da impossibilidade de acesso à consciência. Em suma, o que podemos depreender dessa brincadeira de seu neto, em última instância, é exatamente o fato de que ela apresenta, sob a forma de uma oposição, a manifestação da linguagem através do “fenômeno da presença e da ausência, que ele se coloca como mestre da coisa, portanto é justamente ele que a destrói” (LACAN, 1978b, S II, P.285).

É a partir dessas observações que podemos compreender o porquê de Freud estar lidando com uma perspectiva de *sujeito descentrado*, exatamente pelo fato de que há uma incompatibilidade entre o sujeito do inconsciente e o

Eu, mas de que forma ele compreende esse processo? É partindo do desvelamento dos sintomas e dessa observação referente ao seu neto, que há um paradoxo do prazer inconsciente e da dor consciente. É a partir disso que “o princípio de prazer não é mais suficiente para explicar a regulação do aparelho psíquico, é preciso ir *além*” (IANNINI, GILSON; LUIZ, 2020, grifos do autor). Sendo assim, com sonhos de natureza traumática e com sensações desprazerosas do passado do sujeito é que Freud irá se dar conta que, primeiro,

“(…) a maior parte do que a compulsão à repetição (...) irá forçosamente causar [é] desprazer ao Eu, pois ela revela as atividades de moções pulsionais recalçadas (...) que *não contradiz o princípio de prazer, pois é desprazer para um sistema e ao mesmo tempo satisfação para o outro.* (FREUD, 1920/2020, p.91, grifos meus)

O que podemos denotar da citação acima, em um primeiro momento, é que essa compulsão será obrigatoriamente desprazerosa e de natureza pulsional que, a partir de seus representantes ideativos, se manifestará na consciência do indivíduo de maneira *coercitiva*, isto é, não haverá formas de escapar desse estímulo psíquico interno que advém ao Eu. Nesse aspecto é que Sigmund Freud estará dizendo que tal manifestação *não* estará indo contra o princípio do prazer, pois sabe-se que o inconsciente e o Eu estarão em uma relação de *interversão* do prazer: quando um dos lados sente prazer, o outro estará padecendo do desprazer. No entanto, é preciso comentar que, além da repetição nos apresentar o retorno do recalçado e toda sua carga afetiva angustiante, terá também, a depender do caso, determinadas moções pulsionais reveladas que não possuem nenhuma probabilidade de manifestarem prazer no âmbito da consciência. Desse modo, pode-se deduzir que essa compulsão à repetição pode “ser interpretada como expressão compulsiva de uma tendência a dominar a livre excitação de quantidades, transformando energia livre em energia ligada” (GIACOIA, 2008, p.45). Tal energia ligada, é preciso assinalar, é o motor do processo de descarga do

aparelho, respondendo aos interesses do princípio do prazer. É por esse motivo que esses fenômenos que ocorrem no interior do aparelho psíquico estarão diretamente relacionadas com “um tipo de destino que as persegue, de um traço daimoniaco em seu viver” apresentado durante a existência do indivíduo (FREUD, 1920/2020, p.95). É desse destino em forma de energia ligada que Freud irá uma compulsão a repetição que está para além do princípio do prazer. E é através dessa especulação biológica de algo que fura o *protetor de estímulos*, bem como voltada a superar os *contrainvestimentos* do aparelho psíquico, que o autor irá apresentar uma pulsão que se apresenta como “*uma pressão inerente ao orgânico animado para restabelecer um estado anterior*”, ou seja, “a manifestação da inércia na vida orgânica” (FREUD, 1920/2020, p.131, grifos do autor). Tal inércia estará atrelada a uma perspectiva de que todo o ser vivente morrerá por razões ditas internas que direcionam o aparelho psíquico para o retorno ao estado *inorgânico*<sup>9</sup>, tendo como mote uma noção que trará consequências irreversíveis para a Psicanálise, dizendo que: “*A meta de toda vida é a morte*” (FREUD, 1920/2020, p.137, grifos do autor). Desse modo, o que Freud está tentando nos apresentar, em última instância, é que essa *pulsão de morte* detém um grau de independência no sentido de que as repetições que ocorrem no interior do aparelho psíquico são “assubjetivas, nas quais uma morte retorna independentemente de qualquer intenção possível do sujeito” (DAVID-MÉNARD, 2015, p.104).

---

<sup>9</sup> É importante notar que essa não é a primeira vez na história da Psicanálise que alguém conceitualiza uma tendência a dissolução do indivíduo, haja vista o comentário da psicanalista russa chamada Sabina Spielrein em seu artigo de 1912 chamado *Destruição como causa do devir*: “O instinto para autopreservação é uma simples pulsão que origina exclusivamente através de um componente positivo; o instinto para preservação da espécie, *no qual precisa dissolver o velho e criar o novo*, advém de ambos os componentes positivos e negativos. Nesse sentido, o impulso do componente positivo simultaneamente soma-se ao impulso do componente negativo e se opõe a ele. Autopreservação é uma pulsão ‘estática’ porque precisa proteger o indivíduo existente de influências externas; preservação da espécie é uma pulsão ‘dinâmica’ que *luta pela mudança, a ‘ressurreição’ do indivíduo em uma nova forma. Nenhuma mudança pode surgir sem a destruição de uma condição anterior*” (SPIELREIN, 1994, p.174, grifos meus).

Entretanto, tendo em mente que essa análise estará relacionada ao parâmetro *econômico* da psique, entendemos que o princípio do prazer é desmembrado entre duas tendências entremeadas no *APP*: “princípio de *inércia ou do zero* (futuro princípio do Nirvana [uma tendência do aparelho psíquico a aniquilar qualquer excitação]) e o princípio de *constância* (regulando a homeostase do organismo e de seu representante, o eu)” (LAPLANCHE, 1988, p.21, grifos do autor). Nesse aspecto, podemos perceber que temos um problema armado: se, de acordo com Freud, o princípio de prazer é “colocado fora de ação” no momento em que a repetição acontece (FREUD, 1920/2020, p.113), além do que a repetição está diretamente relacionada com a descarga de energia pulsional, então o princípio do prazer estaria a serviço dela? Em outras palavras, se compreendemos que, quando o princípio do prazer significa, *à la* princípio do Nirvana, uma redução absoluta das tensões, quer dizer que a pulsão de morte é o motor desse processo?

Nesse sentido que estaremos aptos a afirmar que, a partir das elucubrações biológicas freudianas nesse texto, *não há um além* do princípio do prazer, pois observamos que a tentativa de retroceder a um estado anterior que não possuía nenhuma excitação e constituía total homeostase está diretamente alinhado com os interesses desse princípio. É essa a confusão que aparece entre a proposta de Freud com a escrita de *APP* e o seu resultado. A pulsão de morte e a sua respectiva repetição fazem parte, dessa forma, do funcionamento do aparelho e da sua economia libidinal. Tal conclusão só é possível se pensarmos na ambiguidade do termo “*tensão*” presente no decorrer do texto. Nos atendo a ele, é preciso assinalar que inicialmente a pulsão de morte aumenta as tensões (e conseqüentemente o desprazer) do aparelho psíquico. Nesse sentido, estamos no registro psicológico da tensão que se armazena no interior do organismo. No entanto, no decorrer da argumentação freudiana, esse registro psicológico é modificado e se desdobra nas especulações biológicas que demonstrarão, até

o final do texto, que, ao invés da tensão ser um conflito intrapsíquico, ela estará atrelada a união de uma substância viva singularmente diferente que, de um lado, aumentará as tensões, e de outro introduzirá “novas *diferenças vitais*, que depois precisam *ser vividas até o esgotamento*”. Todavia, a pulsão de morte estará então atrelada ao “processo de vida do indivíduo, por razões internas conduz a uma equiparação as tensões químicas, isto é, a morte” (FREUD, 1920/2020, p. 183, grifos do autor). Nesse aspecto, vemos a ambiguidade do autor no decorrer do texto, exatamente pelo fato de que, no registro psicológico, a pulsão de morte aumentará as tensões, causando desprazer. Biologicamente ou quimicamente falando, a pulsão de morte reduzirá as tensões no interior do aparelho ao ponto mínimo de tensão (BOOTHBY, 2014, n.p). Não é à toa que, a partir dessa problemática a respeito da tensão, Freud nos legou a afirmação de que “o princípio de prazer parece estar de fato a serviço das pulsões de morte” (FREUD, 1920/2020, p.205). Dessa forma, compreendendo que a repetição tem por objetivo o retorno a um estado anterior das coisas e a pulsão de morte é a forma mais radical de *regressão* que precede a organização do ser vivo, podemos afirmar que, mediante essa perspectiva biológica da tensão, o princípio de prazer estará submetido a pulsão de morte. É por isso que ambas as pulsões “comportam-se de maneira *conservadora* no sentido mais estrito, ao se empenhar em *restabelecer* um estado que foi perturbado pelo surgimento da vida” (FREUD, 1923/2011, p.50, grifos meus).

No entanto, a concepção de um *além* e essa ambiguidade do texto freudiano a respeito da maneira como entendemos a pulsão de morte a partir da noção de tensão e do parâmetro biológico apenas estará resolvida se pensarmos na forma que o autor compreende a denominada “energia ligada” no decorrer do texto. Não apenas porque ela está relacionada com a origem e as funções do Eu, mas também porque ela pode esclarecer pontos a respeito dessa excursão de Freud pela Biologia. Sendo assim, as moções

pulsionais não obedeceriam “ao processo nervoso do tipo ligado, mas ao do livremente móvel que pressiona para a descarga” (FREUD, 1920/2020, p.125). Nesse aspecto, a energia ligada estará diretamente relacionada com processos psíquicos que são direcionados, a partir do Eu, para a descarga, em contradição com as moções pulsionais que dominam o Isso. Dessa forma, a energia ligada funcionará como processo de introdução que assegura a dominância do princípio do prazer no interior do organismo e o prepara para a descarga de energia que advém do aparelho psíquico. É a partir disso que “o trabalho de ligação é, em um sentido, *além* do princípio do prazer” (BOOTHBY, 2014, n.p, grifos do autor). Pensando nisso é que se pode dizer que

“(…) só depois de uma ligação bem-sucedida é que poderia se estabelecer, sem inibição, o domínio do princípio do prazer (e de sua modificação em princípio de realidade). Mas até lá, é a outra tarefa do aparelho psíquico que teria prioridade, a de dominar ou ligar a excitação, não certamente em oposição ao princípio do prazer, mas independente dele e, em parte, sem levá-lo em consideração” (FREUD, 1920/2020, p.127)

Partindo dessa citação acima, podemos compreender que os processos psíquicos referentes a formação do Eu dependem dessa energia de ligação que, posteriormente, serão responsáveis pelo bom funcionamento do princípio do prazer. Dessa maneira, Eros seria a força responsável por fazer as respectivas ligações, constituir unidades e preservá-las a todo custo. De outra forma, a pulsão de morte estaria diretamente envolvido com o desligamento de energia e a dissolução do Eu. Nesse aspecto é que podemos entender, mediante a perspectiva energética de ligação-desintegração, que “a dinâmica pulsional de vida e morte emerge uma tensão (...) entre processos secundário e processos primário” (BOOTHBY, 2014, n.p). Ademais, essa perspectiva econômica é que, como já dito acima, funcionará como condição de possibilidade para compreensão desses processos psíquicos e seu dualismo pulsional.

Por fim, o que podemos constatar é que o texto *Além do Princípio do Prazer* é controverso não somente pelas problemáticas que o mesmo invoca, mas porque Freud lutava contra si mesmo, isto é, colocava ideias contraditórias entre si, ao mesmo tempo que considerava impensável a vida resumir-se a uma simples preparação para a morte. Nesse sentido, derivou que o psiquismo é um “campo de batalha, um palco noturno, em que se enfrentam duas forças elementares – Eros e Tânatos -, fadadas a se amar e odiar por toda a eternidade” (ROUDINESCO, 2016, p.257). Outrossim, se o destino da existência humana está pautado por um impulso mudo em direção à morte, é preciso reafirmar o fato de que o mesmo estará sempre diretamente atrelado às “zonas de sombra”<sup>10</sup>, isto é, oculto no interior do organismo e pressionando o mesmo em prol de uma reafirmação do estado inorgânico presente de forma latente em todos nós. Nesse sentido, a psicanálise e a aporia não estão tão distantes assim, pois essas contradições presentes na teoria da libido freudiana é o que revelam não somente as ambiguidades que se apresentam no interior do aparelho psíquico, mas também, como Freud apresenta na sequência de sua teoria, entre o sujeito e a civilização<sup>11</sup>.

\* \* \*

## Referências

ADORNO, T. A Psicanálise Revisada. In: **Ensaaios sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: UNESP, 2015. p. 43–70.

---

<sup>10</sup> Expressão empregada por Gilles Deleuze.

<sup>11</sup> “A aporia remete à psicanálise como tal. Por um lado, a libido vale para ela como a própria realidade psíquica; a satisfação, como positiva; a frustração, por conduzir ao adoecimento, como negativa. Por outro lado, a civilização, que compele à frustração, é aceita por ela, se não de forma francamente acrítica, certamente de forma resignada. Em nome do princípio de realidade, ela justifica o sacrifício psíquico do indivíduo, sem expor o próprio princípio de realidade a uma prova racional.” (ADORNO, 2015, p.67)

ASSOUN, P.-L. **Introdução a Epistemologia Freudiana**. Imago ed. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

ASSOUN, P.-L. **La métapsychologie**. PUF ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

BIRMAN, J. **As Pulsões e Seus Destinos - Do Corporal ao Psíquico (E-book)**. 1ª Edição ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BOOTHBY, R. *Death and Desire (RLE: Lacan): Psychoanalytic Theory in Lacan's Return to Freud*. London: Routledge, 2014.

DAVID-MÉNARD, M. Les pulsions caractérisées par leurs destins: Freud s' éloigne-t-il du concept philosophique de Trieb? *Revue germanique internationale*, v. 18, p. p.201-219, 2002.

DAVID-MÉNARD, M. Como ler Além do princípio do prazer? **Reverso**, v. 37, n.69, p. 99–112, 2015.

DUNKER, C. I. L. Uma gramática para a clínica psicanalítica. **S. Freud, As pulsões e seus destinos. Obras incompletas de Sigmund Freud**, p. 135–158, 2013.

FREUD, S. **As pulsões e seus destinos – Edição bilíngue**. Autêntica, 2013.

FREUD, S. **Além do Princípio de Prazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, S. Cisão do Eu no processo de defesa. In: **FREUD, S. Compêndio de psicanálise (1940 [1938]). Obras incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, S. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

FREUD, S. Conferência 32: Angústia e instintos. In: **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 224–262.

FREUD, S. O Eu e o ID. In: **Eu e o id, autobiografia e outros textos: obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. Análise finita e a infinita. In: **Fundamentos da clínica**

**psicanalítica.** Autêntica ed. Belo Horizonte: 2020.

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana 3: Artigos de metapsicologia, 1914-1917: Narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GIACOIA, O. **Além do princípio do prazer: um dualismo incontornável.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

HERVÉ CASTANET; YVES ROUVIÈRE. *Comprendre Freud.* Paris: Max Milo Éditions, 2011.

IANNINI, GILSON; LUIZ, E. P. DE O. Prefácio a Além do Princípio do Prazer. In: **Além do Princípio do Prazer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

IANNINI, G. Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência, mito. As pulsões e seus destinos-Obras incompletas de Sigmund Freud, 2013. In: **Pulsões e Seus Destinos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 91–129.

JAY, M. **A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais 1923-1950.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

LACAN, J. Le Séminaire, Livre II. Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse 1954-1955. In: CHARLES MELMANN (Ed.) *Les séminaires de Jacques Lacan.* Paris: Association lacanienne international, 1978b.

LACAN, J. Le Séminaire, Livre V. Les formations de l'inconscient 1957-1958. In: MELMANN, C. (Ed.) *Les séminaires de Jacques Lacan.* Paris: Association lacanienne international, 1978f.

LACAN, J. Le Séminaire, Livre XI. Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse 1963-1964. In: MELMANN, C. (Ed.) *Les séminaires de Jacques Lacan.* Paris: Association lacanienne international, 1978e.

LACAN, J. Le Séminaire, Livre XVI. D'un Autre à l'autre 1968-1969. In: MELMANN, C. (Ed.) *Les séminaires de Jacques Lacan.* Paris: Association lacanienne international, 1978a.

LACOUÉ-LABARTHE, PHILIPPE; NANCY, J.-L. O título da letra. São Paulo: Escuta, 1991.

LAPLANCHE, J. A Pulsão de Morte na Teoria. In: **Pulsão de Morte**. São Paulo: Editora Escuta, 1988. p. 11–27.

LUANA, F. DO N. **O destino do conceito de pulsão na obra de Freud: um percurso de investigação a partir dos três passos na teoria pulsional**. Dissertação de Mestrado: UFPR, 2017.

MAY, U. The third step in drive theory: On the genesis of Beyond the pleasure principle. *Psychoanalysis and History*, v. v.17, n.2, p. 205–272, 2015.

MEZAN, R. Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise? **Natureza humana**, v. 9, n. 2, p. 319–359, 2007.

MEZAN, R. **Freud: a trama dos conceitos. Coleção Estudos 81**. São Paulo: Perspectiva, 2013a.

ROUDINESCO, E. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2016.

SAFATLE, V. **A paixão do negativo**. São Paulo: Unesp, 2006.

SIMANKE, R. T. O Trieb de Freud como instinto 2: agressividade e autodestrutividade. *Scientiae Studia*, v. 12, n. 3, p. 439–464, 2014.

SPIELREIN, S. Destruction as the Cause of Coming into Being. *Journal of Analytical Psychology*, 1994.

TAVARES, P. H. Sobre a tradução do vocábulo Trieb. In: **Pulsões e seus destinos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Recebido 21/12/2021

Aprovado 12/12/2022

Licença CC BY-NC 4.0

